

PARA INTERPRETAÇÃO DE PALEOSUPERFÍCIES PARA SETORES PLANÁLTICOS DO SUDESTE DO BRASIL.

Paula Pimentel Porto Mazzeo - UNESP- Rio Claro – paulamazzeo@hotmail.com
Profª. Dra. Iandara Aves Mendes – UNESP-Rio Claro - Orientadora – planreg@rcunesp.br
Prof. Dr. Antonio Carlos de Barros Corrêa - Orientador – dbiase2001@aol.com
Pesquisa financiada pela FAPESP

O trabalho presente utiliza a instrumentação digital, através do Software Surfer6, a fim de testar a aplicabilidade do mesmo como ferramenta de construção do método de paleosuperfícies, assim como definido por Deffontaines (1987). Este método, em linhas gerais, tem o intuito de reconstruir a paisagem geomorfológica a partir da movimentação relativa de blocos tectônicos. Esta reconstrução da fisionomia da paisagem contribuirá com a compartimentação estrutural da mesma, evidenciando possíveis controles tectônicos, litológicos e erosivos sobre a distribuição das superfícies topográficas contemporâneas. A área abrangida pelo trabalho corresponde aos setores planálticos do Sudeste do Brasil inseridos no contexto do projeto temático “HISTÓRIA DA EXUMAÇÃO DA PLATAFORMA SUL AMERICANA, O EXEMPLO DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA: TERMOCRONOLOGIA POR TRAÇOS DE FISSÃO E SISTEMÁTICAS Ar/Ar e Sm/Nd”, financiado pela FAPESP.

Foram selecionados e digitalizados pontos cotados das cartas topográficas do IBGE 1:250.000 (Bauru, Campinas, Divinópolis, Franca, Furnas, Guaratinguetá, Iguape, Ilha Grande, Ribeirão Preto, Santos, São Paulo, Varginha, Volta Redonda) e de 1:50.000 (Agulhas Negras, Camanducaia, Cruzeiro, Lorena, Monteiro Lobato, Passa Quatro, São José de Barreiro, Virgínia) com o objetivo de testar os diversos tipos de modelagem de interpolação de linhas de isovalores e, assim, determinar qual modelo reproduz mais fielmente a compartimentação morfoestrutural. Desta forma foram testadas diversas formas de coleta de dados, em graus distintos de complexidade e recobrimento espacial das áreas analisadas. Os pontos digitalizados, em planilha do Software Surfer6, resultaram em diversos modelos digitais do terreno (MDT), que serviram de base para a interpretação da compartimentação morfotectônica e delimitação das paleosuperfícies pelos demais integrantes do grupo de pesquisa supramencionado.

Constatou-se que os controles lito-estruturais que definem a compartimentação dos blocos e, portanto, das paleosuperfícies, operam em diversas escalas de grandeza, ora ressaltando a influência de mecanismos regionais ou evidenciando a participação de controles mais localizados. No entanto, a base empírica utilizada (grau de detalhamento da coleta de dados, tipo de interpolação escolhida) interfere decisivamente sobre a delimitação das diversas famílias de controles estruturais sobre o relevo. Desta forma concluiu-se que a superfície topográfica atual, além de resultante do saldo dos processos erosivos, também, é decorrente da participação dos diversos controles estruturais sobrepostos, em várias escalas de operação, e ressaltados por diversas combinações de visualização digital.

Financiamento: FAPESP